

LITERATURA INFANTIL: O ACERVO DE LEITURA DA ESCOLA PÚBLICA¹

Francisca Chagas da Silva Barroso²
Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas³

RESUMO

Este artigo é o recorte de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi caracterizar as formas de produção e promoção da literatura infantil nas escolas públicas do Ensino Fundamental de Humaitá, Amazonas. O objetivo deste artigo é descrever a organização do trabalho com a literatura infantil nas escolas de Humaitá, bem como identificar as condições de produção e promoção da leitura do texto literário destinado às crianças nos anos iniciais nas escolas, através do levantamento do acervo recebido pelos programas de distribuição do livro. O tema proposto traz uma discussão sobre como a leitura literária tem sido realizada na escola através do acervo de literatura infantil enviado por programas de incentivo à leitura e à formação de leitores. Nesse sentido, a problemática da pesquisa era a precarização do trabalho com a leitura literária na escola pública e o uso do acervo de literatura infantil do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) nas escolas públicas do Ensino Fundamental em Humaitá. O estudo, realizado de 2013 a 2015, procurou caracterizar as concepções dos professores acerca da literatura infantil, descrever a organização do trabalho com a literatura infantil na escola, bem como identificar as condições para produzir e promover a leitura literária dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Participaram da pesquisa duas escolas públicas de Humaitá-AM. Os autores utilizados para embasar as discussões foram: Silva (2014), Kramer (2010), Azevedo (2005), Souza (2009), entre outros. Os resultados revelaram a existência de infraestrutura básica de acervo, por outro lado, indicaram a fragilidade na formação de leitores com base no uso do espaço de leitura nas escolas investigadas.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Escola, Leitura, PNBE, Amazônia.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a Literatura Infantil vem sendo percebida como uma ferramenta importante no desenvolvimento da formação do leitor e na promoção da leitura dentro da escola. Em função disso, no Brasil, alguns programas desenvolvidos pelo governo federal tentaram criar condições para que a literatura infantil esteja presente na sala de aula. Essas condições foram dadas através de ações de programas governamentais que a partir da década de 1980 distribuíram para as escolas públicas acervos de literatura infantil e juvenil com o intuito de fomentar a leitura e a formação de leitores na escola pública.

As primeiras ações do Ministério da Educação voltadas para o incentivo à leitura, à biblioteca escolar e à formação de leitores, tiveram início nos anos 1980 com o Programa

¹ Resultado de pesquisa de mestrado, realizado entre 2013-2015.

² Professora Mestre do curso de Pedagogia, da UFAM/IEAA, fsilvabarroso@yahoo.com.br

³ Professora Doutora, do curso de Pedagogia, da UFAM/IEAA, suelymascarenhas1@gmail.com

Nacional Sala de Leitura, cujo atendimento às escolas era assistemático e restrito a determinadas faixas de matrículas. A partir de então, o governo federal desenvolveu outros programas visando à distribuição de livros para as bibliotecas escolares para incentivar a leitura e a formação de leitores.

Essas discussões sobre a temática seriam um campo fértil para colocar em evidência a importância da literatura infantil nas atividades de leitura com as crianças, abordando as formas de organização, promoção e desenvolvimento da leitura literária numa perspectiva de ampliar o universo de referenciais dos estudantes, auxiliando-os na constituição de sua subjetividade e permitindo relações dos temas propostos nas leituras com suas experiências cotidianas.

O objetivo da pesquisa foi caracterizar as formas de produção e promoção da literatura infantil, bem como a leitura literária, nas escolas públicas do Ensino Fundamental em Humaitá. A pesquisa, de cunho qualitativo, objetivou contribuir para a realização de pesquisas na área da literatura infantil e da leitura literária nas escolas públicas do município, a fim de dar visibilidade aos estudos nessa área, visto que ainda são escassos os estudos sobre esse tema na região.

Os resultados revelaram a existência de infraestrutura básica de acervo, por outro lado, indicaram a fragilidade na formação de leitores com base no uso do espaço de leitura nas escolas investigadas. O acervo de que dispõe as escolas investigadas dão a ideia da riqueza de material existente e que pode ser usado para estimular o pequeno leitor. Os títulos são os mais variados possíveis, contemplando gêneros como novela, contos, poesias, bem como os grandes clássicos da literatura mundial. Conforme a pesquisa, a escola possui acervo suficiente para desenvolver a leitura literária numa perspectiva de desenvolver no leitor a construção de sua identidade.

METODOLOGIA

A pesquisa, de cunho qualitativo, foi um estudo de caso realizado em duas escolas públicas do município de Humaitá/Amazonas, localizadas em áreas periféricas da cidade. Como parte da pesquisa, algumas etapas foram essenciais para alcançar os objetivos propostos: levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e a análise dos dados empíricos.

O objetivo geral da pesquisa foi caracterizar as formas de produção e promoção da literatura infantil nas escolas do Ensino Fundamental de Humaitá, Amazonas. Para dar conta de responder ao objetivo geral, foram elencados os seguintes objetivos específicos: Descrever a organização do trabalho com a literatura infantil nas escolas de Humaitá; Identificar as condições de produção e promoção da leitura do texto literário destinado às crianças nos anos

iniciais nas escolas de Humaitá envolvidas na pesquisa; caracterizar as concepções dos professores participantes acerca da literatura infantil.

O tema proposto trouxe uma discussão sobre como a leitura literária tem sido realizada na escola através do acervo de literatura infantil enviado pelos programas de incentivo à leitura e a formação de leitores. Nesse sentido, o olhar voltou-se para uma problemática: a precarização do trabalho com a leitura literária na escola pública e o uso do acervo de literatura infantil do PNBE nas escolas públicas do ensino fundamental em Humaitá.

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas, uma da rede estadual, com 502 alunos e outra da rede municipal, com 359 alunos. Ambas as escolas funcionavam, no período da investigação, nos turnos matutino, vespertino e noturno. Ao definir como campo de investigação, duas escolas públicas selecionadas entre as que fazem parte do município de Humaitá, foram estabelecidos alguns critérios de seleção considerados importante para a realização da pesquisa. São eles:

- a) que atendessem os anos iniciais do Ensino Fundamental;
- b) que possuíssem biblioteca ou sala de leitura;
- c) que estivessem localizadas na zona urbana para facilitar o acesso. Nesse sentido, dentre as escolas selecionadas, que estivessem situadas na zona periférica da cidade e; que possuíssem o maior número de turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

É na escola que muitas crianças terão seu primeiro contato com o livro de ficção. Ela precisa oferecer às crianças o acesso a esse bem cultural para, assim, favorecer a leitura. Nesse espaço de socialização, é preciso pensar na produção e na promoção da literatura infantil de modo que esta possa cumprir sua função formadora. Para tanto, é necessário que a qualidade dos textos destinados aos leitores e as formas de mediação dessas leituras possam efetivar-se na escola para proporcionar a constituição do leitor enquanto sujeito.

Kramer (2010) afirma que alguns aspectos ou princípios precisam ser considerados pelas políticas públicas de formação de leitores e escritores. A autora destaca um aspecto que considera como polêmico e central e que diz respeito ao papel da escola nesse processo: apesar de se falar tanto em leitura e escrita, a escola pode estar produzindo não-leitores, que não gostam de ler e escrever, porque está perdendo sua função cultural. A escola não tem oferecido as condições necessárias para o exercício da leitura e para a prática da escrita.

Será que a escola vem oferecendo as condições básicas para formar o leitor, ou seja, como ela tem promove e organiza as atividades que envolvem a leitura e a literatura infantil?

Que espaço se reserva ao trabalho com a formação de leitores dentro da sala de aula, na biblioteca escolar, na sala de leitura? Dados e estatísticas tem demonstrado que ainda há muito que fazer para transformar o Brasil num país de leitores. Parece que a escola pública tem caminhado na contramão dessa realidade, já que sua principal função é formar um indivíduo para atuar em sociedade e, nesse aspecto, a leitura é um importante meio no processo de transformação dessa realidade. A escola aparece como promotora da leitura, no entanto, sempre se discute seu papel na formação de leitores e o que há de polêmico e contraditório nessa relação (SILVA, 1986).

Algumas ações estão sendo desenvolvidas pelo poder público quanto à formação de leitores, no sentido de democratizar as fontes de informação, reduzindo a restrição de acesso ao livro e à leitura. Ao desenvolver esses programas de incentivo à leitura e à formação de leitores, oportuniza o acesso de crianças e jovens que, muitas vezes têm acesso ao livro somente quando ingressam na escola. A proposta desses programas é proporcionar “melhores condições de inserção dos alunos das escolas públicas na cultura letrada, no momento de sua escolarização” (BERENBLUM; PAIVA, 2006, p. 10).

Essas ações têm contribuído com a escola para a formação de leitores, no entanto, apesar dos esforços, ela ainda deixa a desejar quanto às formas de organizar, produzir e promover ações que envolvam a literatura infantil e juvenil em suas atividades de leitura na sala de aula, na biblioteca escolar e nos espaços destinados à formação do leitor. Ainda há que se pensar nas formas de realização das atividades que compreendem a leitura e a literatura infantil na escola no sentido de vislumbrar um horizonte mais animador para a atual realidade da leitura no Brasil.

Algumas questões em torno da formação de leitores e do uso da literatura infantil na escola podem ser percebidas no dia a dia do trabalho com a leitura na escola. Autores como Souza (2009) e Kramer, (2010) revelam que muito pouco se lê na sala de aula e uma das razões é porque os professores não são leitores e, portanto, não estimulam a leitura nos seus alunos.

Mas, o que tem contribuído para que isso aconteça? Por que o professor não é um leitor assíduo que possa, assim, estimular seus alunos a essa atividade? A escola apresenta ao professor um currículo a ser seguido, uma carga de trabalho a ser cumprida e uma demanda de conteúdos a serem ministrados. Diante disso, é possível que o professor tenha todo o seu tempo ocupado ao ponto de que isso o impeça de frequentar a biblioteca da escola e lhe permitir um momento de deleite com uma leitura sem compromisso? Qual o tempo que o professor dedica para leitura na escola ou, então, qual tempo a escola dedica ao professor para fazer sua leitura pessoal?

Outros fatores também contribuem para que a criança e o jovem não tenham desenvolvido o hábito da leitura. A falta de bibliotecas escolares, falta de livrarias e o alto preço dos livros, que impedem o acesso a esse bem cultural, são alguns entraves para que o trabalho com a leitura e a literatura infantil não tenha o devido êxito, uma vez que é de suma importância que o contato da criança com o livro não ocorra somente na escola, mas também em outros espaços fora dela, como por exemplo, na família. No entanto, para uma grande parte da população privada do acesso à leitura, a escola é o único meio para que crianças e jovens tenham contato com esse bem cultural que é o livro, por isso a responsabilidade da escola é enorme no que diz respeito à promoção da literatura infantil como ferramenta de formação do sujeito e o desenvolvimento do gosto pela leitura.

A escola, como espaço para o encontro do leitor com o texto, como mediadora da leitura e da formação de leitores e como espaço de formação do indivíduo precisa estar atenta à forma de utilização do livro infantil para que este não se torne um mero instrumento utilitário. Azevedo (2005) recomenda uma discussão sobre como os livros de literatura infantil são tratados na escola. Segundo o autor, há uma redução e descaracterização da literatura ao se utilizar os livros com fins meramente utilitários. Isso pode invalidar o caráter formador que possui a literatura infantil.

A escola e o professor aparecem como os principais responsáveis pela formação das crianças. No entanto, é importante considerar os aspectos que envolvem o trabalho do professor e o suporte necessário para realizá-lo, dadas as condições enfrentadas no cotidiano escolar como: salas superlotadas, classes multisseriadas, falta de apoio pedagógico, falta de estrutura física, entre outros. Dadas essas questões, é preciso pensar: até que ponto as políticas de formação de leitores tem considerado os aspectos que envolvem a formação de futuros leitores além da distribuição de acervos para as escolas? É preciso pensar além da simples distribuição de acervo para as escolas, que estas precisam de espaços, nesse caso, físico e social, de uso e desenvolvimento da leitura. Ainda, é necessário pensar que há “lacunas na formação dos professores enquanto leitores e a inconsistência dos raros programas de mediadores de leitura” que “resultam na inoperância da escola na direção de transformar o Brasil num país de leitores” (RÖSING, 2012, p. 94).

A esse respeito, Silva (2012, p.109) considera que,

Ainda que não possamos nem devemos alçar a escola à condição de panaceia para curar todos os males, problemas e dificuldades da leitura vergonhosamente acumulados ao longo da história brasileira, mas, considerando a presente situação de outras possíveis instituições promotoras da leitura (família, biblioteca, igreja, sindicato, etc.), veremos que os nossos problemas de leitura, com elevação de seus padrões de desempenho, frequência, intensidade, eficiência, etc., depende,

necessariamente, das condições para a produção da leitura “na escola mesmo”. Em outras palavras, sem a melhoria da infraestrutura escolar, sem a melhoria do ensino, sem a qualificação dos professores e sem serviços biblioteconômicos eficientes, o que nos remete às partes essenciais de uma mediação educativa rigorosa e consequente, será muito difícil ou mesmo impossível colocar o Brasil num outro patamar de fruição da leitura da escrita, seja ela manuscrita, impressa ou virtual [...]

Considerando que a escola tem enfrentado dificuldades na formação de leitores, a tarefa de educar, por parte do professor, tem sido constantemente discutida. A ele é atribuída a responsabilidade de formar leitores, no entanto, se ele próprio não tem esse perfil, fica difícil motivar os estudantes. O trabalho com a literatura infantil requer, um conhecimento das obras que oferece como referência de leitura para seus alunos, que também seja ele um assíduo leitor e escritor para que possa dar dicas sobre as leituras realizadas suscitando múltiplas interpretações. Ter conhecimento do material oferecido ao aluno possibilita o cruzamento das informações, necessárias nas discussões e debates em sala. O grande desafio está justamente em formar esse professor um leitor para dar conta de formar outros futuros leitores.

Nesse aspecto, o processo de formação desse professor que vai atuar na formação de futuros leitores, precisa ser realizado levando-se em conta “práticas reais de leitura, aliadas a alternativas de ampliação da experiência cultural” (Kramer, 2010, p. 193). É de suma importância que o professor alie suas experiências de leituras com seus alunos para que, dessa forma, ambos possam ampliar seus referenciais sobre o mundo.

As práticas culturais cotidianas são importantes para que esse professor, que vai atuar na formação de leitores, possa ter subsídios a oferecer como suporte ao desenvolvimento da prática de leitura nos alunos. O professor precisa ter em mente que, como sujeitos sociais e históricos, os alunos apresentam visões de mundo diferentes, pois não compartilham dos mesmos valores, sentimentos e hábitos por estarem inseridos em ambientes diversificados. Essa diversidade que os fazem diferentes, mas inseridos dentro de um mesmo contexto que é a sala de aula, prima por uma atitude que direcione as atividades com a literatura infantil em dimensões formativas em toda sua extensão, para que possam dar significado, recriar e transformar o mundo que os rodeiam.

Com o avanço da tecnologia e o volume de informação que chega ao indivíduo através das mídias, é pertinente conhecer que espaço a literatura infantil tem ocupado dentro da escola quando se trata de formar de leitores. Que espaço ela ocupa na sala de aula e na vida dos estudantes? É possível, na atualidade, despertar o interesse pelos livros e pela literatura em crianças e jovens que desde muito cedo já estão em contato com aparelhos tecnológicos e os meios de comunicação em massa? A resposta a essas perguntas depende da postura da escola e

do professor junto ao compromisso de formar leitores. Cosson (2010, p. 56), afirma que, com o avanço das tecnologias, os meios de comunicação de massa acabaram redefinindo o lugar social da cultura e da literatura.

A valorização das experiências leitora dos alunos pode estimulá-los a novas leituras. Por isso, oferecer leituras diversificadas é um passo importante na constituição de novos leitores. Essa condição leva em conta as histórias, as condições de vida os estudantes através das temáticas que o texto, através da leitura, vai construindo e reconstruindo do contexto social.

Os livros de ficção e poesias podem auxiliar na aprendizagem das crianças, despertando o interesse através de atividades de leitura bem desenvolvidas pelo professor. O contato da criança com o universo literário abre possibilidades a uma pluralidade de interpretações expandindo a consciência do real através do texto literário, revestido de fantasias e sonhos que podem tornar a leitura uma comunicação repleta de questionamentos e significados.

O papel do professor no processo de formação de leitores é essencial para que a escola possa, enfim, cumprir sua função formadora. Afinal, pesquisas revelam que apesar das dificuldades vivenciadas pelo professor no que diz respeito às atividades que realiza com a leitura, ele ainda é o principal incentivador da leitura. Apesar das críticas dirigidas ao seu trabalho, ele ainda influencia a leitura nos seus alunos durante o processo de escolarização (SILVA, 2012).

Somente o empenho do professor não será suficiente para desenvolver a leitura e formar leitores se a escola não dispuser dos meios para isso. Em se tratando dos livros para leitura e para o uso da literatura infantil na sala de aula, temos algumas considerações acerca do acervo das escolas pesquisadas. O resultado a seguir diz respeito às condições de produção e promoção da leitura literária nas escolas investigadas, quanto ao acervo existente e que pode servir para formar leitores literários.

As escolas pesquisadas possuem um número bastante expressivo de acervo literário oriundo não somente do PNBE, mas também de ações estaduais, como o Rede de Letras, e federais como o PNAIC. O levantamento dos acervos levou em conta somente os livros que foram enviados pelo PNBE por considerar que este programa atende a todas as escolas públicas no país. Por cerca de duas semanas, foram realizados o levantamento e o registro de todo o acervo de literatura infantil que as escolas Primavera e Paraíso possuem, oriundo do programa em questão. Os livros que foram enviados às escolas apresentam a marca do projeto a que pertence, por isso foi possível identificar livros de ações de leitura como Biblioteca Escolar, Literatura em Minha Casa, Palavra da Gente e do PNAIC.

Na realização desse registro, algumas categorias foram destacadas como forma de identificar informações importantes sobre esse material. Essas categorias são as seguintes: título da obra; autor; ano de envio pelo PNBE, gênero; número de exemplares, classificação etária; obra adaptada ou traduzida. Além do registro escrito das obras, também foi feito o registro fotográfico dos livros, bem como do lugar onde ficam armazenados. A lista completa dessas obras pode ser encontrada nos apêndices desse trabalho.

Na escola Paraíso identificaram-se títulos a partir de 2003, na sua maioria, pertencentes ao escritor Monteiro Lobato. Nos anos posteriores há a presença de vários títulos até o ano de 2012 para alunos do 1º ao 5º ano. Também, neste mesmo ano houve a distribuição de acervo para Educação de Jovens e Adultos – EJA, nos mais variados gêneros: poesia, contos, teatro, reportagem, crônicas, cordel e ficção. Os títulos direcionados do 1º ao 5º ano também são compostos por poesias, romance, histórias em quadrinhos, contos de várias nacionalidades, cordel, teatro, fábulas, crônicas e ficção.

Dos 327 títulos registrados, 51 (cinquenta e um) são adaptações e/ou traduções de clássicos como Moby Dick e de contemporâneos como A culpa é das estrelas. A presença de grandes autores como Ana Maria Machado, Manoel de Barros, Marina Colasanti e Sylvia Orthof, além de outros mais, demonstra a qualidade dos textos e dos livros selecionados para compor o PNBE, e dessa forma chegar até o estudante. O número de livros que a escola possui pode ser suficiente para desenvolver a leitura e promover a leitura literária para além da escola considerando que o número de estudantes por turno corresponde a 300 (trezentos). Este acervo pode dar conta de atender as necessidades de material de leitura para os alunos. Contudo, é pertinente discutir e refletir sobre o uso desse material pela escola e se está chegando até esses alunos.

Na tentativa de subsidiar a formação de leitores, o PNBE tem se reformulado para dar conta a essa tarefa. Em 2003, após uma avaliação realizada em 2002 pelo Tribunal de Contas da União (TCU), o programa adquire uma nova roupagem no sentido de que “os livros não mais seguiriam, então, o caminho em direção às bibliotecas, mas chegariam até às casas dos alunos” (MARQUES, 2007, p. 41), surgindo, assim, o projeto Literatura em Minha Casa. O propósito era doar livros aos alunos com o objetivo de “integrar os espaços educacionais e culturais, escola e família, em prol da qualidade na educação” (COPES, 2007, p.62). Apesar do projeto Literatura em Minha Casa ter sido destinado ao uso pessoal do aluno, foram encontradas em ambas as escolas alguns títulos que deveriam ter sido distribuídos aos alunos. Na escola Paraíso foram encontrados vinte sete títulos pertencentes ao projeto Literatura em Minha Casa, que

deveriam ter sido entregues aos estudantes. Estes livros não foram distribuídos e por algum motivo estão presentes nas prateleiras da escola.

A escola também possui acervos do PNBE do Professor, são 31 títulos que compreendem material de apoio para os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e EJA na referida escola. Os títulos possuem orientações para o ensino das disciplinas da educação básica que possam auxiliar os professores em suas atividades em sala de aula. O PNBE do Professor tem o objetivo de “subsidiar teórica e metodologicamente os docentes no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem nos respectivos campos disciplinares, áreas do conhecimento e etapas/modalidades da educação básica”. A figura 2 e a figura 3 apresentam alguns títulos destinados ao uso dos professores com o objetivo de auxiliá-los nas ações pedagógicas que desenvolvem em sala de aula. Os títulos correspondem a diversos temas como: o ensino de matemática, ensino de história, música, geografia, literatura infantil entre outros.

Figura 1 – Acervo da Escola Paraíso: PNBE do Professor



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Figura 2 - Acervo da Escola Paraíso: apoio pedagógico



Fonte: Acervo da autora, 2015.

Na escola Primavera também se identificou a presença de 91 títulos do projeto Literatura em Minha Casa. Esses livros, pela aparência, foram bem utilizados, não porque estejam sujos, amassados ou rasgados, mas porque se percebe que as páginas foram folheadas e já apresentam um pouco das marcas do tempo na cor do seu papel. A referida escola possui um acervo bastante diversificado, pois recebe não só do PNBE, mas também de programas a nível estadual como o Rede de Letras citado pelos professores e pela gestora em suas entrevistas.

Entre 2005 e 2013 a escola recebeu 346 títulos para alunos do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano e 6º ao 9º ano) e na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA. Sobre o acervo do PNBE do Professor, foi registrado 99 títulos que compreendem conhecimentos acerca das disciplinas e dos conteúdos curriculares, ou seja, podem dar suporte aos professores no desenvolvimento de sua prática pedagógica. Como ilustração, apresentamos as figuras 5 e 6 a seguir.

Figura 3 – Acervo da escola Primavera: PNBE do Professor



Fonte: Acervo da autora, 2015.

Verificou-se um número maior de títulos na escola Primavera do que na escola Paraíso. Isso se deve ao fato de que os acervos enviados pelo PNBE seguem critérios baseados no número de alunos. Nesse caso, a escola Primavera possui maior quantidade de alunos matriculados do que a escola Paraíso.

De acordo com o mapeamento e registro dos acervos das escolas, foi possível perceber que ambas possuem material de literatura infantil em número bastante expressivo para desenvolver atividades que possam fomentar a leitura e a formação de leitores. No entanto, é necessário que este material possa ser disponibilizado ao aluno, ou seja, é preciso que o livro encontre seu destinatário: o leitor, para que assim o programa deixe de lado a característica de

ser apenas um distribuidor de livros para a escola e atinja seu objetivo que é formar leitores para além da escola.

Uma das questões que deve ser levada em conta na hora de formar leitores diz respeito ao fato de que os espaços proporcionados para tais atividades, como a sala de leitura e a biblioteca escolar devem oferecer plenas condições de funcionamento. Nesse sentido, pode se afirmar que as duas escolas deixam a desejar quanto a essa questão. A escola Paraíso possui uma sala de leitura conjunta com o laboratório de Informática (ver figura 8), por esse motivo, os alunos têm que dividir os espaços com leitura e com aula de Informática.

As escolas públicas do município não possuem bibliotecários e, portanto, o que é de responsabilidade desse profissional acaba sendo executado por outros profissionais. Não há concurso público para destinar um profissional com as competências necessárias para atuar nesse campo, ou seja, não existe contratação por parte do poder público para que esse profissional possa atuar na biblioteca escolar. Vale ressaltar a importância do bibliotecário na tarefa de organizar, promover e desenvolver atividades envolvendo a leitura e o uso dos espaços de leitura na escola.

No entanto, essa é uma realidade das escolas brasileiras em todo o país. Por outro lado, é importante a forma como se concebe a biblioteca escolar como espaço de leitura e de formação de leitores. Silva (2003, p. 47) chama a atenção para o fato de como se caracteriza esse espaço. Segundo ele, as escolas, “para efeitos administrativos, chegam a contar como biblioteca um punhado de livros guardados num armário, situado numa sala de aula qualquer”. Continuando sua reflexão, o autor afirma que a falta da biblioteca “sela o destino das crianças das classes populares que tem na escola a única possibilidade concreta de contato com a leitura e com os livros” (p.48).

Na escola Primavera, a realidade não é tão diferente visto que o lugar denominado biblioteca escolar divide espaço com a TV Escola (ver figura 9). Durante o período de observação ocorrido nos meses de março, abril e maio evidenciou-se o uso do espaço muito mais para as atividades da TV Escola, com hora marcada para os professores do que para a leitura ou a pesquisa dos alunos. O que se constatou durante esse período foi o uso do lugar como espaço de leitura apenas pelos alunos que durante o recreio faziam constantes visitas para ler rapidamente, folhear e escolher um livro para empréstimo.

O local pode ser considerado bastante organizado, no entanto, o espaço é insuficiente para abrigar cerca de trinta alunos. Há prateleiras suficientes tanto para os livros de literatura quanto para os didáticos, mas por conta da falta de espaço, não há como circular à vontade por entre elas (ver figura 8). A organização dos livros fica por conta de uma professora que se

revezada entre a TV Escola e a biblioteca escolar para dar conta de manter o ambiente harmonioso para atender alunos e professores. Apesar de não ter formação em biblioteconomia, ela procura organizar todo o acervo da biblioteca para facilitar o acesso dos alunos no empréstimo dos livros e os professores quando solicitam algum material de apoio.

Diferente da escola Paraíso, a escola Primavera pode contar com o auxílio de uma professora para organizar o acervo e realizar empréstimo de livros para os alunos. Assim, o espaço de leitura está sempre aberto para a visita e não somente quando o professor precisa realizar uma atividade com seus alunos. Nessa escola chamou a atenção o fato dos estudantes sempre solicitarem os livros para levar para casa, porém, durante os meses em que ocorreu a observação, nenhum professor foi visto visitando a biblioteca, a não ser no momento de realizar uma atividade com os alunos na TV Escola. O que motivava aqueles estudantes a frequentar a biblioteca fora do horário de aula é uma pergunta que surgiu a partir da observação nessa escola.

Possivelmente o interesse dos estudantes por esse espaço de leitura é decorrente das atividades de teatro, dramatizações realizadas nas atividades festivas, citada anteriormente pela gestora como uma das formas de promover a leitura na escola. Percebemos também que a professora responsável pelo espaço procurava motivar as crianças a levar os livros para casa. Essa liberdade em olhar nas prateleiras, perambular pelos livros pode ser o motivo do interesse das crianças pelos livros e por esse local de leitura na escola Primavera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, como espaço de formação do indivíduo, tem sido o lugar onde muitas crianças têm acesso ao livro de literatura infantil e juvenil. Tem sido ela a promotora da leitura literária de uma parcela bastante expressiva da população brasileira que não possui condições de acesso ao livro por inúmeros fatores, sejam eles sociais, econômicos e culturais.

Apesar do esforço do governo federal em distribuir livros de literatura infantil pelo PNBE em todo o território nacional, inclusive para as escolas de Humaitá, verificamos que no cenário da pesquisa, ainda se deixa a desejar quando o assunto é formar leitores. Principalmente porque não possuem em seus espaços de leitura, infraestrutura adequada para que possa atender alunos e professores no desenvolvimento de hábitos de leitura.

Os fatores que dificultam ações para o desenvolvimento da leitura literária vão desde a falta de estrutura física, que não permite a existência de um lugar específico onde se possa desenvolver a leitura literária, até a formação dos profissionais da área em termos de habilitação para desempenhar a função de formar leitores na escola. Compreender como se dá a

organização das atividades de leitura literária na escola pode revelar um pouco da trajetória e da relação que os professores tiveram com os livros infantis.

Os espaços de leitura, sejam eles a biblioteca escolar e/ou sala de leitura, precisam manter sua identidade, de fato, como o lugar privilegiado para a guarda dos acervos que a escola possui, bem como o espaço de convivência e de formação para o hábito da leitura. A falta desses espaços não é e nem pode ser, obstáculo à formação de leitores, entendendo que sala de aula também é um lugar em potencial para o desenvolvimento da leitura.

O trabalho desenvolvido com a leitura literária em sala de aula está muito voltado para o desenvolvimento de conteúdos curriculares, disciplinares, muito mais que uma formação para o conhecimento de mundo, apesar de os professores terem reconhecido na leitura literária a possibilidade de interpretação da própria vida e do cotidiano.

Não se pode negar que a literatura infantil desenvolve a capacidade de interpretar e produzir textos, melhorando a leitura e a escrita. Entretanto, é preciso reconhecer que ela é uma ferramenta importante na formação do indivíduo, ultrapassando os limites do caráter meramente pedagógico disciplinar, e que se estende para além dessa questão, proporcionado conhecer o mundo ao seu redor de forma mais ampla.

Há a necessidade de que os alunos possam interpretar o verdadeiro sentido das histórias que leem porque elas são atemporais, porque expressam a experiência humana, seus valores e ideais construídos socialmente. Antes de instruir e educar, a literatura infantil deve interessar à criança. No entanto, ainda está muito presente na sala de aula a leitura informativa, apesar de se considerar que os alunos precisam ter contatos com variados gêneros textuais que possam alargar seus horizontes.

A escola é o lugar com que os alunos podem contar para ter acesso à literatura infantil e à leitura literária. Ela promove o empréstimo de livros aos alunos e círculos de leitura para incentivá-los ao hábito de ler porque possui acervo de literatura infanto-juvenil nos seus espaços de leitura mencionados como biblioteca e/ou sala de leitura. Apesar do incentivo, ainda é visível que estas atividades acontecem muito timidamente se consideramos que ambas as escolas possuem excelente acervo, com os mais variados gêneros, ou seja, as escolas estão abastecidas com material de leitura de ótima qualidade, mas o seu uso está limitado ao empréstimo aos alunos e uma atividade ou outra de leitura na sala de aula.

Também verificamos que a falta ou o pouco uso do acervo também está relacionado ao ambiente disponibilizado para abrigar os livros de literatura nas escolas pesquisadas. O espaço disponível para a leitura, aos olhos dos professores, não parece aconchegante por não atender às necessidades da atividade de leitura, ficando ocioso. O lugar em que se localiza a biblioteca

e/ou sala de leitura, ao dividir o espaço com outros materiais que não sejam desse ambiente, tira do lugar sua especificidade como o lugar de guarda por excelência dos livros e de promotora da leitura na escola. A biblioteca escolar tem perdido sua identidade por ter que emprestar seu espaço também para o laboratório de Informática, para servir de sala de aula, de depósito e outros materiais. Essa realidade acaba contribuindo para que a comunidade escolar se afaste por não perceber nesse espaço de leitura um lugar acolhedor e de desenvolvimento do hábito da leitura.

Uma das consequências dessa realidade é o fato de muitos professores não tomarem conhecimento do acervo da escola como é o caso das escolas pesquisadas. Desde 1997, o governo federal tem distribuído acervo de literatura infanto-juvenil para as escolas públicas através do PNBE, e dezoito anos depois ainda há nas escolas professores que desconhecem os objetivos do programa e o acervo que chega à escola. Isso só confirma que não basta distribuir o acervo, é necessário que a comunidade escolar se mobilize para dar sentido a essa iniciativa e realmente consolidar o que tanto se almeja ao longo desses anos: formar leitores.

Que, além da distribuição dos acervos às escolas, haja o compromisso com os locais onde o material será armazenado, para que possa ser um lugar acolhedor e com uma identidade própria, ou seja, que os espaços reservados à leitura e à formação de leitores, sejam eles bibliotecas escolares ou salas de leitura, possam realmente ter uma ação dinâmica através do conjunto de professores e bibliotecários ou responsáveis. A experiência da criança com esse espaço é determinante para sua formação como leitor, daí a relevância de se ter esse espaço dentro da escola.

Assim, chegou-se à conclusão que não há um conhecimento, por parte dos professores, sobre o acervo de literatura existente nos espaços escolares; não há ações de desenvolvimento da leitura e, portanto, de uso do acervo, visto que a leitura ocorre muito modestamente na escola. Assim, percebeu-se que as escolas, como o espaço de promoção da literatura e da formação de leitores, tem tido dificuldades em cumprir essa função. O grande desafio nesse processo começa por cada um dos professores que muitas vezes se encontram imersos em um emaranhado de tarefas a cumprir na sala de aula.

Não se pode deixar de considerar que não há bibliotecas disponíveis na cidade, então o leitor tem à disposição apenas os espaços escolares, a falta de opção também colabora para essa realidade. Não ter acesso aos bens culturais como museu, teatro, pode cercear o indivíduo de vislumbrar uma formação cultural necessária. Se tratando de um bem como a leitura e a escrita, nesse caso, é tirar do indivíduo as possibilidades de se formar como cidadão consciente de seus deveres e de seus direitos, privando-os de cidadania.

O levantamento realizado sobre o acervo do PNBE permitiu verificar a qualidade dos livros bem como identificar a quantidade de títulos que as escolas participantes da pesquisa possuem. Essas informações são um indicativo da presença de programas governamentais presentes nas referidas escolas, bem como um indicativo da importância que possuem nas práticas de leitura literária desenvolvida pela escola pública.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de. **O que é qualidade em literatura infantil**: com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

BERENBLUM, Andréa; PAIVA, Jane. **Por uma política de formação de leitores**. Brasília: MEC/SEB, 2006. Disponível em <http://www.mec.gov.br>. Acesso em 20 jun. 2014.

COPEs, Regina Janiaki. **Políticas públicas de incentivo à leitura**: um estudo do projeto Literatura em Minha Casa. 2007. 153f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Programa de Pós-Graduação em Educação. Ponta Grossa, 2007. Disponível em: <http://www.bicen-tede.uepg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=137>. Acesso em: 20 jan. 2014.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita**: formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2010.

MARQUES, Moama Lorena de Lacerda. **Literatura em minha casa**: uma história sobre leitura, literatura e leitores. 2007.154f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_Moama.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2014.

ROSING, T.M.K. Esse Brasil que não lê. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Instituto Pró-Livro, 2012. Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil-2012.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

SILVA, E. T. da. A escola e a formação de leitores. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Instituto Pró-Livro, 2012. Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil-2012.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. **A escolarização do leitor**: a didática da destruição da leitura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.